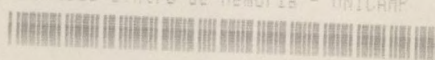


SINFÔNICA de Campinas reforça popularidade. O Estado de São Paulo,
São Paulo, 18 jun. 1978.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE029981

Sinfônica de Campinas reforça popularidade

Da sucursal de
CAMPINAS

"Por delegação da própria comunidade paroquial, declaro inaugurada esta igreja, construída em honra de Nossa Senhora Aparecida, para o culto da Santíssima Trindade; para o beme para a salvação de todos. Amém." Em meio ao rufar dos acordes de uma fanfarrinha especialmente preparada para a solenidade, o regente Benito Juarez, da Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, leu o texto formal da entrega da Igreja Nossa Senhora Aparecida perante 3.500 pessoas que ocupavam todas as três naves da matriz, na noite de sexta-feira. A presença do maestro e da OSMC foi exigida, literalmente pela população da área, que abrange desde os jardins Proença e Ponte Preta, até a área favelada de S. Fernando.

Tudo começou quando o pároco Vicente Paulino convocou uma assembléia dos fiéis para estabelecer o programa de inauguração do templo, cujas obras civis foram iniciadas há vinte anos. Em uma urna, cada um dos presentes — cerca de 850 pessoas — depositou um "voto", e no final, mais de noventa por cento haviam indicado sua preferência por um concerto sinfônico.

A apresentação, realizada uma semana depois que a Câmara de vereadores da cidade concluiu as atividades de uma comissão especial constituída para "conhecer a situação administrativa e financeira da orquestra", foi, na opinião do ex-secretário de Cultura, José Roberto Magalhães Teixeira, vice-prefeito em exercício, "a melhor res-

posta ao grupo que vem rotulando de elitista o trabalho da OSMC". No programa, Benito Juarez incluiu o "Dobrado", de Cyro Pereira, "Contos dos Bosques de Viena", de Strauss, "Prelúdio dos Mestres Cantores", de Wagner, "Lagazza Ladra — Abertura", de Rossini, e "Alvorada — Lo Schiavo", de Carlos Gomes.

A repercussão foi extremamente positiva. Na opinião do carpinteiro Luiz Isaias da Rocha, frequentador eventual da igreja, "este tipo de coisa deveria acontecer sempre, pois cria um sentimento estranho nas pessoas, uma sensação muito boa, que nem dá para explicar direito". Já o lavrador Walter Santim, 50 anos, fez questão de levar à cerimônia sua mulher e a filha de dez anos: "Não tenho a ilusão de poder ir até o teatro, mas sempre que tiver um espetáculo deste tipo estarei presente. A música na casa de Deus não é um desrespeito, mas pelo contrário, atrai as pessoas, aumenta a fraternidade". Posição semelhante à da estudante Solange Castro, que aponta a escolha da orquestra, pela comunidade eclesial de base, como "demonstração de que o povo, embora simples, também pode ser sensibilizado pelos concertos. A prefeição da sinfônica fez com que todos nós participássemos da organização da festa. Cada fiel limpou uma lajota do piso, e muitas mulheres trouxeram flores de seus jardins para enfeitar o templo".

A crise ainda nebulosa

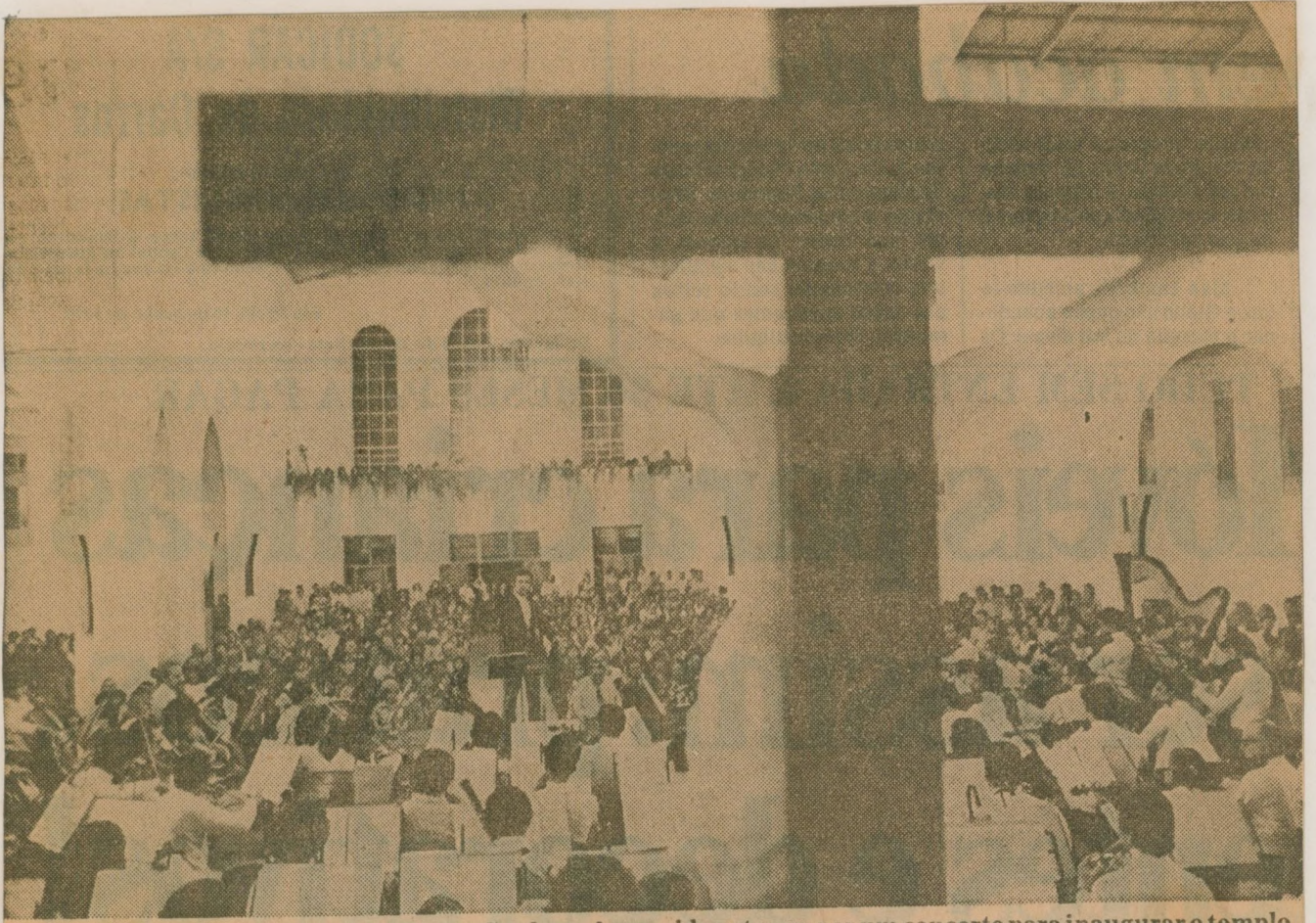
Embora a OSMC continue sendo o carro-chefe da programação cultural oficial de Campinas, uma crise paralela aparentemente en-

cerrada, continua evoluindo de maneira nebulosa. Na verdade, ao serem concluídos os trabalhos da CEI formada pela Câmara, por sugestão do vereador Hélio Rosolen, emedebista como o prefeito Francisco Amaral, observadores começam a analisar as consequências diretas e circunstanciais do episódio. Ao levantar a suspeita — afinal não comprovada — quanto à regularidade da administração interna e das contas, inclusive referente à folha de pagamentos, do conjunto, o grupo de legisladores desencadeou um processo que, além de implantar inegável insegurança entre os músicos, pode atingir a própria administração municipal — aspecto que, acreditam analistas da política campineira, pode ser, na verdade, o ponto principal dos acontecimentos. De fato, após ouvirem longamente onze pessoas integrantes da equipe da orquestra, os vereadores consomem grande parte de seu relatório final para firmar elogios, e poucos reparos ao conjunto. Entretanto, consideram "mais grave observação (...) a forma pela qual vem sendo recolhido aos cofres da municipalidade o montante devido ao Fundo de Assistência à Cultura (FAC), criado por lei municipal", esquema administrativo com o qual a sinfônica está apenas relacionada, beneficiando-se de dotações e verbas de custeio.

O FAC, instituído por Magalhães Teixeira para obter recursos adequados à manutenção de uma programação intensa, é visto pela CEI como anômalo, por não existir — segundo depoimento do funcionário Jair de Souza Siqueira, não relacionado entre as testemunhas ouvidas — "qualquer

balanço das contas". Prova da irregularidade: um recibo, colhido "a título de amostragem", emitido pelo Brasilbar, de Santos, "com visível alteração de seu valor de 449 cruzeiros que não pode ser levado a sério quando é público e notório que a cidade de Santos jamais esteve ligada às atividades da OSMC em 16 de novembro de 1977".

Direcionadas as acusações contra a Secretaria de Cultura, no período em que pela pasta respondia o vice-prefeito, o quadro assume conotações essencialmente políticas, com quatro possibilidades básicas: 1) toda a movimentação pretendia apenas esvaziar a crescente liderança de Magalhães Teixeira, na época, postulante a uma indicação do MDB para candidatar-se a Assembléia Legislativa; 2) a proposta inicial teria partido de uma ala Arenista, com influência junto à bancada do MDB, com o objetivo de demonstrar primarismo nas atitudes dos oposicionistas, majoritários em Campinas; 3) cisões internas na própria administração, resultado em um ataque a partir de informações vazadas do segundo escalão da Secretaria de Cultura; 4) interesse político pessoal de Hélio Rosolen, autor do projeto de resolução que criou a CEI, e que cogitava disputar também uma vaga a deputado estadual, manobrando de forma a desestabilizar a crescente influência de Magalhães Teixeira, no caso, um forte concorrente. A reação negativa da opinião pública, entretanto, provocou resultados inesperados: Rosolen desistiu de sua candidatura há dois meses e o vice-prefeito só ficou de fora da chapa emedebista às eleições de novembro por razões internas do partido.



Os próprios fiéis da Matriz de Nossa Senhora Aparecida votaram por um concerto para inaugurar o templo